

Dos cafezais à oitava economia mundial

De um imenso cafezal nos anos 20, o Brasil, em pouco mais de 50 anos, passou a ser a oitava economia do mundo. Esta marcha para a industrialização, iniciada com o Plano de Metas de Juscelino Kubitschek na segunda metade dos anos 50 e continuada na década de 70, tornou o País auto-suficiente em praticamente todos os setores de produção. "O caso brasileiro é do ponto de vista do desenvolvimento das forças produtivas quase tão espetacular como o caso japonês", resume o economista Carlos Lessa, diretor do BNDES responsável pelo Finsocial.

Enquanto o Governo JK adotava como estratégia de desenvolvimento o apoio aos investimentos estrangeiros para viabilizar a indústria nacional, nos anos 70 o Brasil dá o grande salto, ampliando os setores-chave da economia, como os bens de capital, petroquímica, papel e celulose, fertilizantes, cimento e construção civil.

Esta marcha tão rápida para o desenvolvimento pagou também um preço caro, observa essa. "Do ponto-de-vista da integração social e le minimização das tensões sociais é, pelo contrário, a história mais cruel de desenvolvimento econômico. Nisto também somos recordistas. É um recorde maldito".

A corrida para o desenvolvimento industrial começa efetivamente na década de 20. É a partir da expansão da cafeicultura que se torna possível a instalação de indústrias leves de bens de consumo. Naquela época é dado o primeiro passo, ainda tímido, para a expansão de uma indústria de meios de produção, o que permitiu o País resistir em parte à grande crise que ocorreria nos anos 30, detonada com o crack em Wall Street (EUA).

O interior da economia brasileira passou a ter elementos materiais nos quais as articulações econômicas, mercantis e financeiras permitem o seu crescimento. A taxa média de crescimento da economia brasileira nesses últimos 50 anos foi de 7% ao ano" — explica Lessa, um especialista em política industrial.

A marcha forçada para o progresso tem início na década do "milagre"

Este processo de diversificação, de crescente presença na estrutura industrial brasileira, continua na segunda metade dos anos 30 e durante a II Guerra Mundial. E já no final dos anos 40, o País se defrontava com problemas para prosseguir o seu processo de desenvolvimento. Isto corre de tal forma que torna-se necessária a presença do setor público na produção para favorecer o crescimento da economia. "É algumas decisões estratégicas são tomadas nos anos Vargas (Getúlio), como a criação do BNDE (Hoje BNDES), a Petrobras, o Fundo Federal de Eletrificação, o fortalecimento do Fundo Ferroviário Nacional e do Fundo Rodoviário Nacional" — comenta Carlos Lessa.

A efetiva instalação de um grande parque in-

dustrial brasileiro contaria ainda com o apoio de fatores externos. "Em meados dos anos 50 a conjuntura era muito favorável à migração de filiais de empresas estrangeiras para periferia mundial. Isto porque já havia se completado a recuperação europeia. Então, esta economia, renascida das cinzas da II Guerra Mundial, competia com a norte-americana pela hegemonia do mercado mundial. A competição passava por um processo de multiplicação de filiais na periferia. E o Juscelino — prossegue o economista — é o homem que tira partido desta conjuntura internacional, combinando aquelas tendências clássicas da economia brasileira com o reequipamento do setor público feito por Getúlio Vargas, com esta conjuntura favorável da multiplicação de filiais estrangeiras.

A substituição das importações foi um marco no desenvolvimento

É exatamente desta combinação que é editado o Plano de Metas, dentro do slogan "50 anos em cinco", constituindo-se no grande salto da estrutura industrial brasileira. No coração da economia, é instalada a indústria metal-mecânica eletro-eletrônica e um embrião da indústria química. Esta segunda metade dos anos 50 marca o começo de uma consolidação do parque industrial.

Já nos anos 60 começam os primeiros sinais de uma crise, entre 1966 e 1969, que é muito semelhante ao período 1984-1986, pois a produção cresce sem ter havido uma elevação do nível de investimento. No final da década de 60, contudo, a economia do País volta a contar com uma conjuntura internacional favorável, pela imensa oferta de fundos financeiros a taxas de juros muito baixas.

"Há um ciclo de retomada de investimento que o jornalismo econômico batiu de "milagre". Quando termina o "milagre brasileiro", Geisel pretende que a economia dê um grande salto à frente — era o projeto "Brasil — Grande Potência". A idéia era chegar nos anos 80 com a economia não na oitava posição mundial, mas alguma coisa como situar o País definitivamente na esfera dos desenvolvidos. Geisel faz um esforço enorme neste sentido, que se frustra em boa parte" — resume o diretor do BNDES.

Na sua opinião, o ex-presidente Ernesto Geisel desenvolveu um grande projeto industrial com imensa participação do setor público, que criou condições para a reserva de mercado no setor de bens de capital — setor desenvolvido inicialmente com Juscelino —, como a caldearia pesada e a construção naval.

Foi possível dar um salto de tamanho, produção e qualidade tecnológica. Mas não foi possível sustentar os programas do II PND (Plano Nacional de Desenvolvimento) de Geisel. Era mais ou menos algo assim: dobrar a capacidade de produção da siderurgia e preparar as bases para quadruplicá-la até 1985. A Açominas inaugurada



Avanço tecnológico é nova fronteira e desafio que se impõe à Nação

recentemente era apenas um dos projetos siderúrgicos do período Geisel, onde teria inclusive uma outra em Itaqui (MA), uma unidade que sozinha iria produzir nos anos 80 um módulo com quatro milhões de toneladas por ano até atingir 16 milhões de toneladas. O discurso Geisel era tão grandioso que geraria uma demanda interna de bens de capital gigantesca. Houve projetos que na prática não foram executados, tanto que a indústria de bens de capital mergulhou numa ociosidade enorme. Seriam construídas pelo menos oito usinas nucleares. E algumas indústrias ficaram sem função. O caso mais fantástico é aquele de equipamentos nucleares (Nuclep)".

Segundo o economista, o grande momento da expansão industrial brasileira ocorre mesmo com JK e a seguir acontece a modernização necessária. Pelas suas previsões, o crescimento do Produto Interno Brasileiro (PIB) neste ano será de pelo menos uns 10%, já que as vendas em todos os ramos industriais se expandiram em 27% nos primeiros sete meses.

Se você tivesse que tratar jornalisticamente a história industrial brasileira no último meio século, e tivesse que privilegiar um momento de transformação qualitativa seriam os anos JK; se tivesse que caracterizar a economia brasileira por um período que se expandiu, dando livre curso às suas tendências endógenas, escolheria o período do chamado "milagre econômico"; se tivesse de examinar o grande caso da frustração de uma tentativa megalômana de dar o grande salto à frente, seria o período Geisel; se tivesse de escolher a crise mais séria da história brasileira, certamente seria a entrada dos anos 80. É uma crise muito complicada, semelhante à entrada dos anos 60.

Em compensação, em meio a esta crise apontada pelo economista, é no início dos anos 80 que o Brasil intensifica a sua participação no comércio internacional. "Para todos os ramos da atividade industrial, há coeficientes de participação (no mercado externo) da ordem de 10, 15 e até 20% da produção do setor. Isso é novo. Para isso, teria que ter presente expansão dos anos 70, marcado por um processo de forte contenção salarial que se deu nos anos 80 e uma modernização tecnológica da estrutura industrial brasileira" — sintetiza Carlos Lessa.

A situação hoje deste desenvolvimento, compara o economista, é semelhante à do final dos anos 60 e por isso é importante, na sua opinião, aumentar o investimento público. Caso contrário, raciocina, o País pode perder a posição no comércio internacional.

E isto porque você pode aumentar a oferta de petroquímicos dentro da economia brasileira com a indústria existente mas isto às custas da

retirada do Brasil do espaço que ocupou no mercado internacional de produtos químicos. O mesmo raciocínio vale para a indústria siderúrgica, de papel e celulose, etc...

No seu entender, a economia brasileira está tão integrada e, ao mesmo tempo, diversificada que não é possível mais eleger quais seriam os setores-chave, como acontecia no passado. Dentro da sua visão estratégica de crescimento do País, o economista considera muito importante o direcionamento de investimentos para os setores de tecnologia de ponta, não criar obstáculos na oferta de alimentos e resolver o financiamento de alguns setores públicos e privados vitais para o País, como o de energia elétrica, siderurgia, química de base, papel e celulose, petroquímica etc...

Para ele, é preciso resolver basicamente três grandes blocos de questões. O primeiro está relacionado com uma política tecnológica muito bem arquitetada, no outro estaria incluída a produção de alimentos e finalmente no terceiro entram os setores fundamentais ("pesados"), tanto aqueles controlados pelo Estado, como pela iniciativa privada.

Caso brasileiro é tão espetacular que pode ser comparado ao japonês

E neste contexto não considero muito importante a presença do capital estrangeiro. Na verdade, ele já está embutido na estrutura industrial brasileira há longíssima data. E ele é claramente hegemônico na produção industrial. Ele deve ser feito um esforço para preservar o controle nacional nos setores de alta tecnologia. Eu não sou favorável ao capital estrangeiro nos setores de ponta. O poder de competição dos grupos internacionais que controlam a alta tecnologia é tão elevada que se for permitido um pouco, eles conquistam tudo. A política de reserva de mercado para a informática, microeletrônica e biotecnologia é absolutamente correta. "Eu acho que o Governo brasileiro vai resistir a todas às pressões" — apostila o diretor do BNDES.

No seu raciocínio, o caso brasileiro de desenvolvimento das forças produtivas é tão espetacular como o japonês, principalmente se for levado em conta que a economia em meio século pulou de um imenso cafezal para a oitava do mundo e que hoje 70% da população vivem na cidade e deste montante 40% residem em metrópoles.

E a nível do Terceiro Mundo, com exceção do chamado caso coreano, uma espécie de repetição em escala reduzida da experiência japonesa, o Brasil é certamente a trajetória de maior sucesso. Agora, do ponto de vista da integração social, é a história mais cruel de desenvolvimento econômico. O padrão da miséria e as distâncias sociais no Brasil deixaram parcelas imensas da população à margem deste processo.